



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Trabalho de Culminação de Estudos

Narrativas e experiências em profissões masculinizadas: Estudo de caso de um grupo de mulheres militares em Maputo

Candidata: Helena Mateus Mabote

Supervisor:
Danúbio Lihahé

Maputo, Setembro de 2021

Trabalho de Culminação de Estudos

Narrativas e experiências em profissões masculinizadas: Estudo de caso de um grupo de mulheres militares em Maputo

Candidata: Helena Mateus Mabote

O Júri

O Supervisor

O presidente

Oponente

Maputo, Setembro de 2021

Declaração de Originalidade

Eu, Helena Mateus Mabote, declaro por minha honra de que este relatório de pesquisa é resultado da minha investigação pessoal, nunca foi apresentada na sua essência para a obtenção de qualquer grau acadêmico, estando iniciado no texto e na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

(Helena Mateus Mabote)

Dedicatória

O presente trabalho é dedicado aos meus queridos pais (Mateus Isaias Mabote-eterno descanso pai e a minha querida mãe Almina Feijão Massingue) que de forma incansável lutaram e apoiaram-me para que este sonho se tornasse em realidade. Em especial a minha mãe pelo amor, carinho, e por ter investido a sua força em busca da concretização do meu sonho.

Agradecimentos

O presente trabalho é dedicado aos meus pais (Mateus Isaias Mabote - eterno descanso pai e a minha mãe Almina Feijão Massingue) pelo amor, carinho, pelos valores transmitidos, de forma incasável apoiaram me nos meus estudos. Agradeço de igual forma, aos meus irmãos Bia Mabote, Adão Mabote, e cunhada Vanila Mahai, aos meus primos (Ana Chichongue, Olga Mabote, Samson Mabote, André Mabote, Celina Pelembe, Marta Chichongue, Arsénia Massingue, Nélia Massingue, Aissa Chichongue, aos meus tios (Aissa Massingue, Alberto Mabote, Lourenço Massingue, Lágrima Massingue, Josina Massingue, Júlia Matsinhe e Almina Massingue. em especial ao meu irmão Adão Mateus Mabote que apoiou me de forma material e moral desde o ensino primário até ao superior. Sou grata também a toda família (Mabote e Massingue), que em todos os momentos da minha vida apoiaram me, em particular durante a formação.

Aos meus colegas (grupo 2016) agradeço pelo companheirismo, pelos momentos de alegria, por termos partilhado conhecimentos de âmbito académico, em especial ao meu grupo de estudos e convívios composto por: Gilda Pedro, Stélio Jotamo, Nélia Langa, Florência Tovela, Humberto Chihungo, Rosa Vicente, Noémia Cardoso, Euclésio Sambo, Rosa Tafula, Estrela Chichango.

Aos amigos de verdade (Rita Mandlate, Ivone Vilanculos) o meu muito obrigada, em especial a Ivone Vilanculos que apoia me em todos os momentos da minha vida e por ser uma amiga fiel. A Maria Luisa Ngana que insentivou me a seguir os meus sonhos e pelo material fornecido para facilitar a minha formação.

Endereço a minha gratidão aos participantes da pesquisa, pois foram importantes para a realização do trabalho, de forma especial a chefe de repartição de género do Estado Maior General.

Por último, agradeço ao corpo de docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da Universidade Eduardo Mondlane pelos ensinamentos transmitidos. Em especial ao meu supervisor Danúbio Lihaha por ter participado no presente trabalho, e por ter marcado minha vida académica a partir da orientação no trabalho de culminação de estudos.

Lista de Siglas e Acrónimos

DF – Destacamento Feminino

FADM – Forças Armadas de Defesa de Moçambique

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

SMO – Serviço Militar Obrigatório

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

O presente trabalho “Narrativas e experiências em profissões masculinizadas: Estudo de caso de um grupo de mulheres militares em Maputo”, tem como objectivo compreender as narrativas e experiências vivenciadas pelas mulheres militares. Da literatura sobre Narrativas e experiências na profissão militar, foram identificadas duas abordagens, das quais a primeira defende que a entrada da mulher na área militar foi observada em diversos países, e a partir desse momento as mulheres passam a receber a formação militar, e a questão do género nas Forças Armadas é vivenciada de uma forma harmonioza. A segunda mostra que há um apropriação da questão da visão tradicional do ser mulher pela instituição, consequentemente há uma marginalização da mulher dentro da instituição militar.

Essas abordagens permitem perceber as histórias de vida das mulhres militares, suas experiências de integração ao serviço militar, onde de diferentes formas as mesmas encontraram estratégias de firmar a sua identidade como militar dentro da instituição e as representações sociais sobre as mesmas.

Para a concretização do nosso objectivo foi realizada uma pesquisa etnográfica exploratória entre um grupo de militares integrados no Estado Maior General na Cidade de Maputo. Com base no material recolhido compreendi que entre os participantes é evidente que a relação das mulheres com a instituição militar ainda está relacionada com a visão tradicional, onde a mulher está reservada a prestar trabalhos vistos como de fácil execução devido a sua condição de ser mulher (visão tradicional), por outro lado, há uma aparente semelhança no que diz respeito a questão de oportunidades dentro da instituição. Mesmo com essa visão por elas vivenciada dentro da instituição buscam na profissão a identidade militar e a firmar se mostrando suas capacidades como profissionais.

Palavras-chave: *Representações sociais; Profissões masculinas; Serviço Militar; Géne*

Índice

Declaração de Originalidade 3

1.Introdução	10
1.1.Enquadramento e contextualização.....	11
2.1 Objectivos	13
Objectivo geral:.....	13
2.2Justificativa e motivação.....	13
2.Revisão de literatura	13
2.1.O estado da arte.....	13
2.2Integração da mulher na área militar em Moçambique	19
2.3Problemática	20
2.4Quadro teórico e definição de conceitos	21
3.Definição de conceitos	21
3.1 Género.....	21
3.2Serviço Militar	22
3.3 Representações sociais.....	22
3.4 Profissões masculinizadas.....	23
4. Metodologia	23
4.1 Método	24
4.2 Técnicas e instrumentos da pesquisa	24
4.3 Local e participantes da pesquisa.....	25
4.4 Etapas de realização da pesquisa	25
4.5 Constrangimentos e sua superação	26
5.Apresentação e análise dos resultados	27
5.1. Histórias de vida de mulheres militares	27
5.2. Questões de género na vida militar	29
5.3.Concepções sociais sobre as mulheres militares.....	32

6.Considerações finais	36
Referências bibliográficas.....	37

1. Introdução

Este trabalho constitui um projecto de pesquisa realizado como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia, na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Departamento de Arqueologia e Antropologia.

Apresente monografia subordinada ao tema: “Narrativas e experiências em profissões masculinizadas: Estudo de caso de um grupo de mulheres militares em Maputo”, tem como objectivo compreender as narrativas e experiências vivenciadas pelas mulheres militares.

Historicamente, as mulheres foram criadas dentro de um papel de género tradicional, onde a mesmas encontrava-se na esfera doméstica, cuidando das tarefas do lar, assim como na educação dos filhos, oque inclui a maternidade e a realização de tarefas vistas como sendo para as mulheres “ lavar, cozinhar, etc”. Portanto essas tarefas foram socialmente estabelecidas como “femininas”.

Com o passar do tempo a mulher insere-se no mercado de trabalho, onde de diferentes formas mostrou suas capacidades na esfera pública, uma das áreas que admitiu a mulher é a militar, quebrando a visão tradicional de que a mulher é reservada ao privado. No entanto, Carvalho (1990) evidencia que a mulher foi requisitada buscando suprir a deficiência de pessoal nas áreas técnicas e administrativas. Assim, podemos perceber que há uma reprodução no interior do espaço militar da divisão sexual e social dos papéis desempenhados por homens e mulheres.

A pesquisa apresenta dois argumentos principais: o primeiro defende que a entrada da mulher na área militar foi observada em diversos países, e a partir desse momento as mulheres passam a receber a formação militar, e a questão do género nas Forças Armadas é vivenciada de uma forma harmonioza. A segunda mostra que há um apropriação da questão da visão tradicional do ser mulher pela instituição, consequentemente há uma marginalização da mulher dentro da instituição militar.

Para melhor entender as representações sociais em profissões masculinizadas realizei uma pesquisa etnográfica exploratória entre um grupo de militares inseridos no Estado Maior General na cidade de Maputo.

O trabalho está organizado em seis capítulos após esta introdução, segue o enquadramento teórico, em seguida os objectivos da pesquisa, depois a revisão da literatura, Justificativa e motivação, questões teóricas e metodológicas onde apresento os procedimentos adoptados para a realização da pesquisa, a problematização, os constrangimentos que surgiram durante a realização do trabalho de campo, a o enquadramento teórico, realização do trabalho, no quarto capítulo apresento a análise e interpretação dos dados, o último são apresentadas as conclusões.

1.1 Enquadramento e contextualização

Ao longo da história das sociedades observa-se que a mulher encontrava-se na esfera doméstica onde as tarefas do lar, assim como a educação dos filhos estavam sob tutela da mesma, consequentemente a mulher é vista como uma fonte essencial na transmissão de valores morais, sociais que são construídos dentro da sociedade.

Com o passar do tempo a mulher insere-se no mercado de trabalho, onde de diferentes formas mostrou suas capacidades na esfera pública, uma das áreas que admitiu a mulher é a militar. A exemplo disso é a participação das mulheres na I e II guerras, onde a mesma desempenhou actividades produtivas e mobilização dos homens para as frentes de combate e não só, contribuíram para mudanças significativas no âmbito do trabalho.

A discussão sobre a mulher no exército e o facto de considerar-se essa área como sendo exclusiva para homens, está ligada a questão do género, pois há uma interpretação do que é ser mulher ou homem em diferentes sociedades, partindo de uma construção social, onde as funções de uma mulher, assim como de um homem são reproduzidos de diferentes formas e essa reprodução efectua-se na medida em que os indivíduos são socializados a assumir e desempenhar determinados papéis na sociedade. Assim sendo é no processo da socialização que os indivíduos adoptam estilos de vidas que são predominantes no meio onde estão inseridos.

É desta forma que percebo que essa discussão abrirá portas para um novo debate e por conseguinte permitirá novos desafios no que diz respeito ao assunto em causa.

Santana (2016) toma como base a ideia de Joan Scott (1990) onde definiu o gênero como um elemento que modela as relações sociais baseadas nas distinções entre os sexos. Deste modo, a autora afirma que o gênero é interpretado como uma forma primária das relações significantes de poder que abrangem as relações estabelecidas entre homens e mulheres nas hierarquias e relações de poder. E afirma ainda que, a categoria gênero é algo disperso nas normas de conduta, nas organizações e nas representações sociais.

E de acordo com Segato (1998) gênero é uma dualidade empírica, observável de papéis, atribuições, direitos e deveres, ou uma estrutura de relações cujos termos se transvestem de actores da vida social onde a adesão desses personagens a esses termos é sempre fluída e até certo ponto aleatória. Nesse sentido o gênero é tido como uma categoria social que reforça a questão da divisão de tarefas desenvolvidas pelos indivíduos na sociedade.

Na perspectiva Da Silva (2009) deve se ter em conta que a sociedade na qual vivemos, naturaliza essas dicotomias. Assim, nota-se que o masculino é sempre visto como o não feminino, no qual, primeiro caracteriza o homem como um ser “bravo, corajoso, vigoroso”, e o segundo caracteriza a mulher como um ser frágil, delimitando-os como diferentes. A autora aponta autores como Bourdieu (2003) e Héritier (1989) que buscam compreender o porquê a classificação do gênero comporta sempre uma hierarquia, onde o masculino se impõe como superior ao feminino.

Segundo Héritier, a sociedade ocidental é caracterizada por uma clara dominação masculina e, conseqüentemente, por uma subordinação da mulher no domínio do político, do económico e do simbólico. A autora ressalta o campo do simbólico – orientado pela tradição que valoriza e aprecia o homem na sociedade, evidenciando a existência de um conjunto de valores que ressalta as diferenças entre os sexos, de uma maneira hierárquica (valorativo para o homem e depreciativo para a mulher) e as coloca como naturalizadas na vida social. Assim, há uma espécie de discurso simbólico que remete a uma natureza “feminina” biológica, morfológica e psicológica, que legitima a sujeição das mulheres.

A partir do início dos anos 70, a maior parte dos exércitos ocidentais passou a admitir mulheres nas fileiras, culminando com a ruptura da visão tradicional da sua participação nas Forças Armadas. Ao contrário dos precedentes históricos em que o envolvimento feminino em actividades combatentes se revestiu de um carácter excepcional, elas conquistaram o estatuto de militares recebendo formação militar e em diferentes áreas profissionais. Com isso observa-se que a mulher Carreiras (1997).

1.2 Objectivos

Objectivo geral:

- Compreender narrativas e experiências de mulheres que ingressaram na vida militar, relatando suas experiências, vivências, e rotina.
- Analisar as narrativas à luz da perspectiva de género na Antropologia.

1.3 Justificativa e motivação

O que levou-nos a desenvolver este tema é o facto do mesmo assumir maior atenção por parte da sociedade, pois as redes de comunicação, têm divulgado frequentemente situações em que as mulheres integram-se na área militar ou em outras áreas consideradas exclusivas para homens. No passado observou-se que a mulher encontrava-se na esfera doméstica onde na qualidade de mãe e esposa cuidava dos seus filhos e do marido, mas no decorrer do tempo a mulher acabou saindo de forma estratégica para entrar na esfera pública, esse facto culmina com a inserção da mesma no sector de trabalho, concretamente na área militar.

É daí que surge uma necessidade de analisar este fenómeno, a fim de compreender suas histórias de vida, suas motivações ao inserir -se nessa área, e as representações sociais existentes no contexto estudado.

No âmbito científico essa pesquisa abrirá portas para um novo debate e contribuirá para a construção de uma nova abordagem.

2. Revisão de literatura

2.1 O estado da arte

No presente capítulo no que concerne a nossa temática, trabalhamos com autores que defendem diferentes perspectivas desde a integração da mulher ao serviço militar, assim como as representações sociais sobre a mulher militar. De acordo com a revisão feita identifica duas linhas de abordagem uma defende que a entrada da mulher na área militar foi observada em diversos países, e a partir desse momento as mulheres passam a receber a formação militar, e a questão do género nas Forças Armadas é vivenciada de uma forma harmoniosa (Da Silva; Rodrigues dos Santos; Castro 1990; Borges 2008; Strathern 1997), a

segunda abordagem mostra que há um apropriação da questão da visão tradicional do ser mulher pela instituição, conseqüentemente há uma marginalização da mulher dentro da instituição militar (Okin 2008; Carreiras; Winslow e Dunn 2002;Carvalho 1990; C. Moskos;D'Araujo 2003; Silveira 2003; Carreiras 2004).

Castro (1990) em o espírito militar: Um estudo de Antropologia social na academia militar das Agulhas Negras fez um estudo sobre a socialização dos militares, que são submetidos a formação do ensino de nível superior do exército brasileiro na academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), afirmando que os militares submetidos a essa formação passam por vários traumas psicológicos mas não desistem porque tem a consciência de que a concorrência é maior para a entrada na academia. O autor afirma que apesar dos traumas psicológicos sofridos pelos formandos, eles buscam na formação a sua identidade militar, tendo em conta que essa identidade é construída, sobre tudo em oposição ao civil, pois há uma separação entre os que são e não militares, porque os militares tem um mundo próprio.

Nesse sentido a área militar é caracterizada pela predominância da força física, resistência e demonstração de coragem, tanto que na formação que os mesmos são submetidos há necessidade de fazer com que os mesmos passem por obstáculos de resistência.

No caso da academia militar das Agulhas Negras, os militares designadas cadetes na fase inicial da formação convivem entre eles, passam por trotes, os mesmos não circulam por lugares variados, relacionando-se com diferentes colegas e autoridades, como membros de uma sociedade civil. Com isso, passam por várias traumas psicológicos que os torna capacitados e preparados a vida militar (Castro1990).

Desde os tempos remotos o mundo militar tem sido marcado exclusivamente como sendo uma área restrita para o sexo masculino, nesse sentido as mulheres não podiam desenvolver actividades combatentes e muito menos participar em fileiras dos exércitos.

A *primeira abordagem* defende que a entrada da mulher na área militar foi observada em diversos países, e a partir desse momento as mulheres passam a a receber a formação militar, e a questão do género (masculinidades/Feminilidades) nas Forças Armadas é vivenciada de uma forma harmonioza.

De acordo com Da Silva (2009) no decurso da década de 70, diversos países começaram a admitir mulheres em suas Forças Armadas as quais passaram a receber uma formação idêntica a dos homens, e em sectores onde não era permitida a sua participação.

Antes disso, existem literaturas acerca da presença de mulheres nas Forças Armadas desde a II Guerra Mundial as quais prestavam serviços militares na área de saúde e tarefas de apoio em áreas de retaguarda, embora no front russo, muitas delas fossem pilotos de caças e centenas actuassem como guerrilheiras em situações de combate.

Por sua vez Da Silva (2009) em masculinidades e feminilidades nas forças armadas: uma etnografia do ser militar, onde apresenta o quotidiano das mulheres militares, de acordo com a visão delas, apontando para as construções de masculinidades e feminilidades contidas na profissão militar e explica sobre a exclusividade da presença das mulheres no quartel, assim como no mundo militar, devido as actividades de risco do exército. Ela acrescenta - que apesar desse risco, observa-se um número maior de mulheres admitindo de forma voluntária. A exemplo dos países ocidentais.

Rodrigues dos Santos (2009) em seu estudo faz uma resenha com objectivo de recuperar algumas produções intelectuais sobre a participação das mulheres no contexto militar brasileiro a partir da década de 80, focando na inserção e representatividade das mulheres nas corporações militares brasileiras e esse movimento teve o seu início na década de 80. A autora em suas abordagens aponta diferentes fases da incorporação da mulher nas três áreas da defesa brasileira: a Marinha, a Aeronáutica e o Exército.

Citando Suellen Borges (2008) que relaciona a entrada das mulheres no Exército Brasileiro como um exemplo de carácter moderno da instituição. A autora apresenta três hipóteses que influenciaram a inserção feminina na Marinha Brasileira: a actuação dos movimentos feministas que passam a demandar, na década de 70, a inserção feminina nos diferentes ambientes de trabalho existentes, sendo assim, a figura do homem como o trabalhador deveria ser compartilhada pela mulher (Borges 2008).

E segundo a autora, isso acabou também reflectindo na esfera militar; o outro factor influenciador é o facto do exército norte-americano, uma vez que o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon elaborou uma comissão com o objectivo de abolir a conscrição obrigatória e ao mesmo tempo fosse criado um exército voluntário composto destes. Em 1972, em resposta a esse pedido, o secretário de defesa apresentou como solução a utilização de mulheres no meio militar. Antes mesmo desse processo, em 1970, a Marinha norte americana começou um processo de integração completa do seu pessoal feminino Carreiras

Os autores são unânimes em considerar que a integração da mulher está ligada ao carácter moderno da instituição

No entanto, trata-se de um processo marcado por mutações observáveis em quase todas as sociedades, onde é possível notar que as mulheres têm conquistado um estatuto ao ponto de receber a mesma formação que a dos homens, assumir posições superiores dessa área, apesar de ser visto como um espaço marcadamente do sexo masculino. Nessa perspectiva vários autores escrevem sobre as possíveis causas dessa conquista apontando os processos políticos, sociais e económicas.

Strathern (1997) afirma que a instituição militar é vista como sendo masculina. E mesmo com a chegada delas nessa corporação não implica dizer que elas deixem de ser femininas ou que elas passem a ser masculinas; e sim que as mulheres, na sua formação como oficiais militares, apresentariam elementos masculinos mais preponderantes do que femininos, mas continuam a desenvolver os papéis que foram atribuídos a elas pela sociedade.

Face a essa perspectiva apresentada pela primeira abordagem, notámos que os autores trouxeram alguns pontos-chave para a construção de uma nova abordagem a respeito do nosso tema, os autores são unânimes em considerar que a integração da mulher está ligada ao carácter moderno da instituição. Delimitaram-se em trazer o percurso histórico da integração da mulher na área militar em diferentes países, sem considerar as particularidades sociais de cada um dos contextos, tendo em conta que cada um deles vivenciou essa integração de acordo com a situação social e política da época. Um outro aspecto é o facto de não abordar a questão das percepções que os indivíduos têm sobre a mulher no mercado do trabalho, em particular na área militar de que forma elas respondem as questões do quotidiano.

Em contrapartida, *a segunda abordagem* mostra que há um apropriação da questão da visão tradicional do ser mulher pela instituição/social, conseqüentemente há uma marginalização da mulher dentro da instituição militar.

Silveira (2003) evidencia que dentro do processo de modernização organizacional, vemos a presença feminina no quadro de oficiais-marinheiros. Assim como Almeida (2008) e Carvalho (1990) afirmam que o ingresso feminino na instituição militar deu-se, inicialmente, pela necessidade de preenchimento das actividades, a fim de liberar os homens das actividades administrativas, para a de combate.

Em consequência disso, as relações sociais esperadas entre eles não foi das melhores. Diferentemente do que ocorre com o homem, que assume integralmente a posição de “homem militar”, inclusive em suas relações privadas, o papel feminino continua sendo

predecessor à posição de “mulher militar”. Sua figura continua sendo associada a todas as características impostas culturalmente à mulher, independentemente de ter se tornado uma “mulher militar”. O resultado disso é o tratamento paternalista destinado às mulheres, reforçando o seu lugar de mais fraca, daquela que precisa de protecção e cuidado, mas principalmente, a relação privilegiada de poder do homem dentro da instituição. (Carvalho, 1990).

Okin (2008) também elabora essa dicotomia entre público (masculino) e privado (feminino) em sua abordagem explica que na dicotomia público/doméstico, permanece uma ambiguidade que é resultado das práticas e teorias patriarcais do passado, que tem sérias consequências práticas, especialmente para as mulheres. E essa divisão do trabalho entre os sexos tem sido fundamental para essa dicotomia desde seus princípios teóricos. Por isso os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida económica, política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como “naturalmente” inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família. (OKIN 2008 307-308).

Como consequência, dessa divisão de trabalho entre os sexos, a integração militar feminina está longe de concretizada. Tal como em muitas outras áreas da vida social, as mulheres ocupam lugares pouco invejáveis nas estatísticas oficiais. Observando-se a tendência para a eliminação de discriminações de estatutos entre homens e mulheres, que permanecem variadas restrições e as mulheres são excluídas de áreas e funções ligadas ao combate; tendo uma representação limitada em posições de poder no sistema militar; que nem sempre são aceites e confrontam reacções hostis.

Sobre a relação existente entre a mulher e profissão militar Carreiras (1997) em família, maternidade e profissão militar” analisa as relações entre família e profissão militar no quadro particular da integração militar feminina, e entende que essas relações sempre foram conflituais, sendo conhecida a tradicional dificuldade de adaptação entre as exigências de estabilidade da vida familiar e as lógicas de permanente disponibilidade, mobilidade e risco que caracterizam a profissão militar.

Acrescenta C. Moskos que as mulheres militares são pressionadas pela sociedade pelo status que permaneçam solteiras, ou, se casadas, a não terem filhos. As exigências institucionais da vida militar sobre o pessoal de carreira são muito mais pesadas para as mulheres que para os

homens. O exemplo da gravidez que tem constituído um dos temas mais controversos e emotivos dos debates em torno da participação militar feminina Moskos. e essa visão é reforçada pela instituição militar.

Assim sendo esse tipo de tratamento, evidencia uma desigualdade na relação entre homens e mulheres dentro da instituição militar, e mostra a reapropriação da tradicional dicotomização dos papéis sexuais vivenciadas pela nossa sociedade, de uma forma geral esta é uma sociedade onde impera uma dominância masculina.

Contudo, a integração militar feminina está longe de concretizada efectivamente. Tal como em muitas outras áreas da vida social, as mulheres ocupam lugares pouco invejáveis nas estatísticas oficiais. Não obstante, a tendência para a eliminação de discriminações e igualização de estatutos entre homens e mulheres, permanecem variadas restrições e as mulheres são ainda largamente excluídas de áreas e funções ligadas ao combate; têm uma representação limitada em posições de poder no sistema militar; nem sempre são aceites e confrontam mesmo reacções hostis. Dados de variados estudos empíricos mostram, de resto, que a elevados patamares de integração formal não correspondem necessariamente idênticos níveis de integração social (Winslow e Dunn, 2002)

E na perspectiva de Carreiras (2002) Em Portugal por exemplo, o recrutamento feminino desenvolveu-se a partir de 1990, coincidindo com um processo de reestruturação e redimensionamento das Forças Armadas, no âmbito do qual o Serviço Militar foi objecto de significativas alterações, designadamente no que se refere à redução do tempo de prestação do Serviço Efectivo Normal, e aos novos regimes de voluntariado reconstrata - aqueles em que justamente se tornou possível a presença feminina. Quatro anos depois haviam incorporado cerca de 1.000 mulheres para o cumprimento do serviço militar em regime de voluntariado nos três ramos das Forças Armadas, incluindo as Academias e Escolas Superiores Militares. Apesar de existir ainda um conjunto de especialidades que lhes estão vedadas, podem já aceder a um amplo número de funções, incluindo algumas não tradicionalmente femininas.

Em 2003 perto de 3000 mulheres serviam como voluntárias nos vários ramos e estabelecimentos das forças armadas portuguesas, desempenhando as suas tarefas num conjunto amplo de especialidades e posições Carreiras (2002).

Rodrigues dos Santos (2016) em seu estudo faz uma resenha com objectivo de recuperar algumas produções intelectuais sobre a participação das mulheres no contexto militar

brasileiro a partir da década de 80, focando na inserção e representatividade das mulheres nas corporações militares brasileiras e esse movimento teve o seu início na década de 80. A autora em suas abordagens aponta diferentes fases da incorporação da mulher nas três áreas da defesa brasileira: a Marinha, a Aeronáutica e o Exército.

Citando Suellen Borges (2008) que relaciona a entrada das mulheres no Exército Brasileiro como um exemplo de carácter moderno da instituição. A autora apresenta três hipóteses que influenciaram a inserção feminina na Marinha Brasileira: a actuação dos movimentos feministas que passam a demandar, na década de 70, a inserção feminina nos diferentes ambientes de trabalho existentes, sendo assim, a figura do homem como o trabalhador deveria ser compartilhada pela mulher

E segundo a autora, isso acabou também reflectindo na esfera militar; o outro factor influenciador é o facto do exército norte-americano, uma vez que o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon elabora uma comissão com o objectivo de abolir a conscrição obrigatória e ao mesmo tempo fosse criado um exército voluntário composto destes. Em 1972, em resposta a esse pedido, o secretário de defesa apresentou como solução a utilização de mulheres no meio militar. Antes mesmo desse processo, em 1970, a Marinha norte americana começou um processo de integração completa do seu pessoal feminino Carreiras (1997).

2.2 Integração da mulher na área militar em Moçambique

De acordo com Pachinuapa et al (2017) no caso de Moçambique, onde a mulher deixou um enorme legado na luta pela libertação nacional, muitos há que têm reservas quanto às suas capacidades. Trata-se de uma crença secular que, em Moçambique, começou a ser desafiada durante a luta contra o colonialismo português. Onde as mulheres por iniciativa própria assumiram um papel importante lado a lado com os homens para a libertação nacional. Com isso, cria-se o destacamento feminino, que foi uma forma de envolver a mulher nesse processo.

Santana (2009) discute no seu artigo a visão apresentada sobre a emancipação da mulher através de um discurso feito pelo Presidente da Frente de Libertação Nacional de Moçambique em Março de 1973 intitulado “A libertação da mulher é uma necessidade da revolução e garantia de sua continuidade e condição de seu triunfo”, Por essa razão, a emancipação da mulher era vista como algo urgente e necessário, pois sua essência

formadora e orientadora, teoricamente própria à natureza feminina, seria de grande importância para a luta. A autora afirma que o destacamento Feminino (DF) criado em 1966 foi constituído por mulheres guerrilheiras. E de acordo com publicações oficiais da Frelimo foi do próprio partido que partiu a iniciativa para a fundação do movimento por meio de uma reunião realizada pelo Comité Central.

As mulheres sentiram a necessidade de defender suas famílias tanto nas zonas libertadas ou que eram controladas pelo colonialismo e solicitaram à Frelimo um treinamento militar Santana (2009).

E de acordo com Casimiro (2004), o documento *A mulher é um elemento transformador da sociedade* ressalta que a necessidade de braços para a luta não foi a única razão para que a mão-de-obra feminina fosse utilizada, mas também porque os militantes da Frelimo viam a inserção da mulher como uma forma de dar fim a exploração do trabalho feminino.

Quanto as tarefas por elas desenvolvidas Josina Machel (1970) afirma que encontravam-se no campo da assistência social tais como: levar apoio às famílias que tiveram seus entes queridos mortos na guerra, cuidar do orfanato da Frelimo, cuidar dos doentes e trabalhar no Departamento de Educação no programa de instrução de adultos e nas escolas primárias para crianças.

Assim sendo, foi a partir do destacamento feminino que as mulheres moçambicanas engrenaram nas fileiras, culminando com o início de admissão das mesmas nas Forças Armadas de Defesa de Moçambique as quais passaram receber a formação militar

2.3 Problemática

A partir da revisão de literatura buscamos diferentes abordagens que retratam a inserção da mulher na área militar, e as representações sociais sobre a mesma, onde essa entrada observa-se de diferentes maneiras em diferentes contextos. No passado observou-se que a mulher encontrava-se na esfera doméstica onde na qualidade de mãe e esposa cuidava dos seus filhos e do marido, mas no decorrer do tempo a mulher entra na esfera pública, esse facto culmina com a inserção da mesma no sector de trabalho, concretamente na área militar.

É daí que surge uma necessidade de analisar este fenómeno, a fim de colher suas histórias de vida e experiências em exercício militar.

Quais são as narrativas das mulheres que ingressaram na vida militar, seus percursos, experiências de integração, e do cotidiano?

2. Quadro teórico e definição de conceitos

Nessa fase apresentamos o quadro teórico que permitiu nos compreender o fenômeno estudado. Bem como a definição de conceitos decorrentes do marco teórico e do tema em questão. Assim, serão apresentados os seguintes conceitos: Representações sociais; Profissões masculinizadas; Serviço Militar; Género.

Para este trabalho como teoria apresento a sociologia simbólica de Pierre Bourdieu. Bourdieu (2003) explicita que a dominação masculina está presente em todas as sociedades e legitima-se do facto de todas essas sociedades constituírem-se de uma perspectiva androcêntrica, a qual pressupõe e prescreve a dominação do princípio masculino (activo) sobre o princípio feminino (passivo). Logo, a dominação masculina é simbólica que implica a naturalização da mesma na sociedade, exercendo sobre os corpos um forte poder, sem haver necessidade de força física. Assim, a dominação é imposta e vivenciada pela presença da violência simbólica, uma “violência doce e quase sempre invisível”. (Bourdieu 2003: 56).

O mesmo autor refere que a dominação é verificada na ordem das coisas e está presente no estado objetivo do mundo social, assim como no estado incorporado, nos *habitus onde* funciona como princípio universal da visão e da divisão de sistema de categorias de percepção do pensamento da acção (1995:137)

No caso das mulheres militares esta dominação manifesta-se em forma de violência simbólica, na medida em que no contexto pesquisado a profissão é masculinizada. Pois para ser militar as mulheres precisam deixar de lado os *habitus* e formas de ser, de pensar e de agir característicos de mulheres para, afim de adoptar *habitus* e formas de pensar e agir masculinos.

3. Definição de conceitos

3.1 Género

Para Segato (1998), género é uma dualidade empírica, observável de papéis, atribuições, direitos e deveres, ou uma estrutura de relações cujos termos se transvestem de actores da vida social onde a adesão desses personagens a esses termos é sempre fluida e até certo ponto aleatória. Por sua vez, Machaieie (1997) afirma que, no que diz respeito ao papel social, a

mulher está completamente envolvida num processo complexo de divisão do trabalho e de género, pois ela sustenta grande parte das actividades no espaço privado (doméstico).

Desta forma, entendemos o conceito género como uma construção associada aos atributos socioculturais que se aplica, de forma diferenciada entre os sexos, a partir do que é estabelecido como feminino e masculino, os atributos sociais destinados a cada um.

3.2 Serviço Militar

Constituição Da República de Moçambique. Lei do Serviço Militar 2497 de Dezembro. Artigo 1(Conceito e objectivos do serviço militar).

1. A participação na defesa da independência, soberania e integridade é dever sagrado e honra para todos os cidadãos moçambicanos.

2. O serviço militar é o contributo prestado por cada cidadão, no âmbito militar, para a defesa da pátria.

3. O serviço militar, para além de constituir um instrumento de promoção da unidade nacional e de desenvolvimento da consciência patriótica, deve ainda servir para a valorização cívica, cultural, física e dos cidadãos que o cumprem.

Artigo 2 (Obrigatoriedade do serviço militar)

1. Todos os cidadãos moçambicanos dos 18 aos 35 anos de idade, estão sujeitos ao dever de prestação de serviço militar e ao cumprimento das obrigações militares deles decorrentes.

2. Em tempo de guerra as idades estabelecidas para o cumprimento das obrigações militares podem ser alteradas por lei.

3.3 Representações sociais

Durkheim tornou-se um dos principais alicerces da reelaboração teórica de noção de representação desenvolvida por Serge Mascovisi, que veio a consagrar a psicologia social como “domínio por excelência da análise das representações” (Ruano-BorbalanO 1993,p.16)

Para Moscovici (1989), as representações são fenómenos complexos que extrapolam categorias puramente lógicas e invariantes. Organizam-se como um saber acerca do real que se estrutura nas relações das pessoas com este mesmo real reconhecendo que as representações são ao mesmo tempo geradas e adquiridas, retira-se-lhes esse carácter

preestabelecido, estático, elas tinham numa visão clássica. Não são os substratos, mas as interações que contam.

3.4 Profissões masculinizadas

É um conjunto de profissões consideradas socialmente como sendo exclusivas para homens, a partir do género há determinadas actividades atribuídas a cada um dos sexos, ou seja, aquilo que é reservado aos homens, e o que é reservado às mulheres. Nessa fase, faz-se a descrição das técnicas e procedimentos aplicados durante o processo de colecta, sistematização, discussão e análise dos dados, assim como os constrangimentos que foram encontrados na fase de levantamento e interpretação dos dados.

4. Metodologia

A metodologia usada para o desenvolvimento deste trabalho é qualitativa e exploratória, na vertente fenomenológica, pois visa no estudo social o conhecimento profundo do fenómeno a ser estudado, No caso, desenvolvi conversas semi-estruturadas com militares.

Godoy (1995), afirma que a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interactivos pelo contacto directo do pesquisador com a situação estudada, buscando compreender os fenómenos segundo as perspectivas que os sujeitos têm a respeito da situação em estudo.

Para Gil (2019), a pesquisa fenomenológica é uma modalidade qualitativa por excelência visto que o seu objectivo consiste na interpretação do mundo através da consciência dos sujeitos formulados na base das experiências.

E na concepção de Creswell (2014), a pesquisa fenomenológica é aquela que descreve o significado comum para vários indivíduos das suas experiências vividas de um conceito ou fenómeno.

Deste modo, este trabalho seguiu uma perspectiva fenomenológica pelo facto de termos captado as experiências vividas pelos nossos sujeitos de pesquisa, onde pudemos perceber o problema em estudo dando ênfase na descrição do que os nossos entrevistados tinham em comum ao vivenciar o mesmo fenómeno e perceber como o mesmo se apresenta no presente.

4.1 Método

Para a elaboração do presente trabalho, foi privilegiado o método etnográfico, este permitiu colher trajectórias de vida das mulheres militares e outros sobre as representações sociais sobre as mulheres militares.

Segundo Lakatos e Marconi (2003) o método etnográfico permite ao pesquisador associar a sua percepção, complementar a realidade estudada, e dá uma visão mais densa do fenómeno estudado. Nesse sentido a literatura torna-se relevante na medida em que passamos a saber o que já foi realizado, de modo a tomarmos uma posição a citação das principais conclusões que os outros chegaram, permiti salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes.

Lévi-Strauss (1970) considera que a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade e visando, à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles.

Na perspectiva de Clifford (1998) é necessário conceber a etnografia como uma negociação construtiva envolvendo dois ou mais sujeitos conscientes e politicamente significativo.

4.2 Técnicas e instrumentos da pesquisa

No que diz respeito às técnicas usadas para o presente trabalho, destaca-se a observação directa que ocorreu em todos os momentos da pesquisa, entrevistas e conversas informais com os participantes da pesquisa, onde contaram suas trajectórias de vida. Nesta técnica, pudemos desenvolver qualquer questão que considerávamos pontual, explorando de forma profunda e complexa o tema em questão. As perguntas que fazíamos eram abertas, e abriam espaço para uma conversa informal, e a mesma obedecia um roteiro de tópicos relativos ao assunto em questão.

Tivemos como auxílio para a recolha dos dados o diário de campo, o celular que por sua vez foi útil na gravação de informações.

Uma outra técnica adoptada foi a pesquisa bibliográfica, onde obtive acesso a artigos de revista, manuais disponíveis na biblioteca central Brazão Mazula, a biblioteca do Centro de Estudos Africanos e a biblioteca do departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane. Para o efeito desse exercício tivemos como apoio das regras e princípios propostos por Malinowski (1984): o pesquisador deveria estar

familiarizado com a literatura etnográfica referente ao seu objecto de estudo, aplicar certos métodos especiais de colecta, análise e registo das evidências, que envolvem genealogias, quadros sinópticos, diários de campo, viver com os nativos, para familiarizar-se com os costumes dos sujeitos. Desta forma, seria possível captar o ponto de vista dos nativos.

4.3 Local e participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada no Estado-Maior General das Forças Armadas de Defesa de Moçambique, no Departamento do Pessoal, concretamente na Repartição de Género. Quanto aos participantes da pesquisa, a nossa *amostra aleatória* foi constituída por um conjunto de 12 entrevistados, dos quais 8 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, com idades compreendidas entre 22 a 62 anos. em função do ambiente vivido no campo e também por questões de viabilidade do próprio estudo.

4.4 Etapas de realização da pesquisa

O presente trabalho foi realizado em três etapas: na primeira fez-se a revisão de literatura sobre os militares, na segunda realizou-se o trabalho etnográfico exploratório concretamente no Estado Maior General, no Ministério da Defesa, na sede da OMM (Organização da Mulher Moçambicana) e na terceira a análise de dados recolhidos durante o trabalho etnográfico exploratório.

Na revisão de literatura e documentos consultamos artigos científicos, revistas e livros, os quais forneceram base para compreensão do assunto em causa.

Na última etapa que é do trabalho etnográfico realizou-se uma etnografia entre um grupo de militares. O trabalho decorreu em oito meses, do dia 20 de Fevereiro a 12 de Setembro.

Os dados foram recolhidos a partir de conversas realizadas a um grupo de militares do departamento do pessoal, concretamente na repartição de género do Estado-Maior General, e tivemos acesso às participantes através da permissão da instituição para a realização da pesquisa. Numa primeira fase conversamos com uma das superiores da repartição que apresentou-nos outras participantes, da mesma repartição.

4.5 Constrangimentos e sua superação

Nesta parte do trabalho apresento os constrangimentos ocorridos durante a recolha de dados. Na realização da presente pesquisa deparei-me com seis constrangimentos: O primeiro foi devido a burocracia existente na instituição, esta que culminou com a demora na resposta para a realização da pesquisa, o segundo diz respeito a difícil acesso a documentos científicos realizadas sobre Moçambique relacionados a área da defesa.

O terceiro aspecto está relacionado ao facto de ser civil no meio de militares, o ambiente parecia me diferente. Por exemplo via pessoas a curvarem umas das outras.

O quarto diz respeito ao acesso aos participantes, pois tive constrangimentos, primeiro porque a instituição impôs que a pesquisa devia ser realizada a partir de questionários onde dirigiria a um conjunto de pessoas. Para ultrapassar esse constrangimento mantive encontro com a chefe da repartição onde expliquei sobre o método adoptado para a pesquisa e as respectivas técnicas,

O quinto aspecto constrangedor é pelo facto de numa primeira fase as entrevistas terem sido realizadas com participantes indicados pelos seus superiores, fiquei constrangida porque em algum momento não demonstravam interesse, pois era como se fosse uma "missão" mas, no decorrer do tempo percebi que o facto de serem indicados não altera o conteúdo, e pelo facto de os participantes depois de um tempo passarem por formações em outros sectores, ou por transferência para outras áreas, dificultando assim o acesso a eles.

O último é que alguns não aceitavam conversar alegando que era uma estranha, civil que queria saber das suas vidas, e quando estivesse para iniciar uma conversa perguntavam-me sempre se era militar e pelo facto de não ser militar alguns recusavam.

Para ultrapassar esses constrangimentos sempre que frequentasse lugares no interior da instituição mantinha conversas informais e a posterior apresentava me, assim tive acesso as participantes.

5. Apresentação e análise dos resultados

A partir da história das sociedades percebe-se que a profissão militar é vista como sendo masculina, pois nela predomina a força física, resistência e demonstração de coragem, tanto que na formação que os militares são submetidos há necessidade de fazer com que os mesmos passem por obstáculos de resistência, e as actividades desenvolvidas nessa área são tidos como de risco. Assim sendo por muitos anos o mundo militar tem sido marcado exclusivamente como sendo uma área restrita para o sexo masculino. Nesse sentido as mulheres não podiam desenvolver actividades combatentes e muito menos participar em fileiras dos exércitos, pois cabia a mulher cuidar dos afazeres domésticos, cuidar dos filhos, marido, bem como fonte na transmissão de valores morais que são construídos dentro da sociedade.

Tal como afirma Araújo (2017) que no caso do Brasil a entrada das mulheres nas polícias militares se deu pela intersecção de factores institucionais e sociais, e pelo processo de democratização pela qual reflectiu-se na instituição militar, cuja imagem encontrava-se directamente ligada ao período ditatorial. Como consequência desses movimentos (feministas) observa-se o aumento da escolaridade da mulher e abertura de novos postos de trabalhos, integrando as mulheres.

Com o passar do tempo a mulher insere-se no mercado de trabalho, onde de diferentes formas mostrou suas capacidades na esfera pública, uma das áreas que admitiu a mulher é a militar.

5.1. Histórias de vida de mulheres militares

Para compreendermos as representações sociais sobre as mulheres militares primeiro pedimos para que os participantes da pesquisa contassem suas trajetórias de vida desde a infância até ao serviço militar e o dia-a-dia dos mesmos. A partir das histórias de vida dos entrevistados constatamos que de uma forma geral saíram da sua zona de origem para cumprir com o serviço militar e actualmente encontram-se a residir na cidade onde foram alocados a trabalhar, o outro factor comum é o facto dos mesmos terem sido “encorajados” por um familiar, amigo, parceiro, colega, que seja militar. As motivações pelas quais levaram com que entrassem na área militar são relativas, mas a mais recorrente motivação é que

precisavam ingressar no mercado de trabalho, para suprir com suas despesas e ajudar a família.

Fui nascida em Maxixe, onde frequentei o ensino primário, secundário, depois ganhei uma bolsa na escola onde fiz o ensino médio para a universidade pedagógica da sagrada família, ainda na universidade fui incentivada a ingressar nas forças armadas de defesa de Moçambique por um colega que era militar, porque o curso que estava a fazer não tinha saída de trabalho na área civil, e eu segui o conselho dele porque já estava no fim da formação e já estava precisar trabalhar... Saiu meu nome fui a formação básica num distrito em Nampula, depois fui a academia onde tive o ensino superior Carola, 35anos de idade.

Nasci em Maputo, cresci com meus pais e irmão, estudei na escola primária da Matola C, depois passei para a secundária da Matola. Em 2014 iniciei os meus estudos no grau superior numa universidade privada, onde só frequentei o primeiro ano, porque preferi ingressar no exército, segui esse caminho porque temia que o meu namorado não conseguisse custear as despesas do curso... Em 2015 entrei para formação básica, de lá fui integrada numa outra formação na academia militar onde fiquei 2 anos... Assimina, 27 anos de idade.

Quando estava na quarta classe (4ª classe) havia problemas de continuar com a escola, e aí convidaram me para dar aulas em grupos de alfabetização, mais tarde dei aulas a quarta classe. Em 1977 fui levada para dar aulas numa formação de professores em Chicucue. De lá saímos com um grupo de meninas professoras para a formação básica em Moamba e eu precisava ir porque era um chamamento porque os pais precisavam de jovens para defender.

Quando engrenei nas forças armadas de Defesa a minha intenção era cumprir com os dois anos obrigatórios da instituição, e quando passou o tempo vi oportunidades que fizeram com que eu continuasse aqui.

A partir dessas histórias de vida podemos compreender que a identidade militar é construída, sobre tudo em oposição ao civil, pois há uma separação entre os que são e não militares, porque os militares tem um mundo próprio, por isso em algum momento os nossos entrevistados tiveram que sair da cidade natal para a formação militar e essa saída ao serviço militar é uma forma de construção da identidade militar. Tal como afirma Castro (1990) em o

espírito militar: onde explica que os militares buscam na formação a sua identidade militar, pois há uma separação entre os que são e não militares, porque os militares tem um mundo próprio.

Constatámos também que as mulheres trabalham com o objectivo de sentirem-se úteis no meio onde estão inseridas face às inúmeras exigências, necessidades, desejos, opiniões, percepções no seu meio social (Moscovici, 2003). No entanto, entrada da mulher mãe no mercado de trabalho tem sido um meio de emancipação e mudança na representação tradicional de papéis de género/sociais no seio familiar.

5.2. Questões de género na vida militar

Nesta secção apresentamos as diferentes percepções sobre as mulheres em exercício militar a partir de dados recolhidos, e análise de diferentes abordagens relacionadas ao género na instituição militar.

Sob esta perspectiva temos Marilyn Strathern (1997), que ao estudar os melanésios, pode constatar o género como um tipo de diferenciação categórica que assume conteúdos específicos em contextos particulares. Isto é, o género é pensado como categoria “empírica”, como um operador de diferenças não pré estabelecido que marcam e que só podem ser compreendidas contextualmente. Para Strathern, portanto, o género é a base para as pessoas nas suas ideias sobre as relações sociais e nas suas acções (Matos, 2002).

Durante a pesquisa, em conversa com as mulheres militares, e nas entrevistas, houve de forma recorrente a intenção de fazer perceber que ser militar mulher é como qualquer profissional numa outra instituição, e que as actividades por elas desempenhadas são as mesmas que os homens deparam. Essa intenção era frequente sempre que fossemos iniciar uma conversa. A seguir apresento alguns trechos dos argumentos:

Ser militar é como qualquer profissão...Alí a rotina entre homens e mulheres é a mesma, os treinos, a corrida é a mesma para todos, não há excepção, Alí não há um superior que pode dizer dorme comigo porque amanhã não fará actividade X. porque todos vamos aos treinos. Se você aceita relacionar -se com um superior é porque quer. Crimilda, 35 anos de idade.

Ser mulher militar é como qualquer mulher que trabalha num outro sector, a diferença está na farda, temos obrigações a cumprir dentro da e fora, aqui não há diferenças em termos de trabalho, somos intuídas a trabalhar mesmo quando achamos difícil. Enquanto decorria a conversa com a entrevistada, ela interrompe questionando algum assunto sobre uma determinada tarefa que tinha que desempenhar os dois, o seu colega responde *Wene uti hamba awanuna imakamuni? unguenela ati maka ta madoda imaka muni ?(Tu entras em assuntos dos homens porquê? Por acaso é homem?... Candida, 38.*

Não há tarefas específicas entre homens e mulheres na instituição militar... Paula, 40anos de idade.

Estou no exército a anos e sempre trabalhei com mulheres, alias desde o destacamento feminino, onde a mulher libertou se do jugo colonial e tradicional pois a mulher cuidava dos filhos e prontos... Com a formação da OMM a mulher defende se dos seus direitos e a partir disso há necessidade de olhar a mulher como soldado o mesmo acontece com o homem. Bernarda, 62 anos de idade.

Com a visão apresentada pelos entrevistados fica evidente que a relação das mulheres com a instituição militar ainda está relacionada com a visão tradicional, onde a mulher está reservada ao espaço privado (doméstico), por outro lado, há uma aparente contradição no que diz respeito a questão da diferença de oportunidades dentro da instituição, provavelmente temem transmitir uma imagem negativa sobre a instituição.

Carvalho (1990) nos apresenta um estudo sobre as mulheres militares do Centro de Aplicações Táticas e Recometamento de Equipagens/base naval (CATRE – Parnamirim/RN), revelando as condições de vida delas no trabalho, identificando como são construídas e esperadas as relações entre os homens militares no convívio com as mulheres militares e vice-versa, observando que a presença das mulheres nos exércitos pode nos mostrar que seu reconhecimento no grupo militar opera, antes de mais nada, sobre a sua condição de “ser mulher”, que se sobrepõe ao fato de “ser militar”. Um ponto interessante deste estudo refere ao fato do curso de formação militar significar uma adaptação à vida militar com a internalização de valores, disciplina, hierarquia, precisão, rapidez etc. – que, segundo ela, são valores militares, mas, sobretudo, valores masculinos. Assim, no

militarismo, não existiria o homem ou a mulher, existiria o militar, mas como o código militar é “masculino”, as mulheres militares passariam a ser vistas como “militar homem”.

Um outro caso interessante sobre o modo como alguns vivenciam a questão de gênero na instituição militar é a ideia de que homens e mulheres realizam as mesmas tarefas na instituição, bem como atividades consideradas socialmente como para mulheres e homens, A exemplo dos exercícios físicos outras tarefas de rotina. Pois, ao mesmo tempo em que assumem essa semelhança, encontra-se o seu oposto, a diferença. Em suas intervenções afirmam que todos têm um tratamento igual, as mulheres também reconhecem que apesar das condições de base biológica que as consideram mais fracas que os homens e a outras condições psicológicas e sociais, elas em certo momento admitem que são tratadas de forma dissemelhante.

E essa forma de tratamento a que elas são submetidas por oficiais e homens evidencia preconceitos, causando desconforto na relação entre homens e mulheres no militarismo, como relatado nos seguintes casos:

Em algum momento nos trata com nomes carinhosos de heroínas, como por exemplo Josina, minha protegida...é uma forma de nos acarinharem ”...Lá os nossos colegas homens saiam para o combate e nós ficávamos no quartel a cuidar das tarefas domésticas lavar a roupa e cozinhar...A nossa volta de Muchungue ateramos na base aérea e de lá pra Boane no centro de formação de sargentos... mas os nossos colegas homens permaneceram em Muchungue nem sei como terminou. Amélia, 29 anos de idade.

Trabalhei como técnica no abastecimento e fornecimento de peças de viaturas que usavam no combate, e foi no tempo de guerra, mas mesmo nessa altura nenhuma mulher ia ao combate...Berta, 56 anos de idade.

Certo dia senti me constrangida porque que meu colega superior, ordenou me a realizar uma tarefa, e em seguida disponibilizou se a ajudar me, sem que eu pedir ajuda, mas ele é meu superior e eu era obrigada a cumprir a missão... mas ele pensa que não sou capaz de conseguir ser como eles... sou mulher mas também sou militar e recebi a mesma formação que eles por isso devo desempenhar todas tarefas que me são confiadas, apesar de ser mulher sou militar. Deolinda, 22 anos de idade.

Segundo Carvalho (1990) o olhar da instituição prioriza o ser mulher o que justifica um tratamento diferente, mais carinhoso, comprovando as relações de género que permeiam o sector militar. Portanto, esse tratamento mais delicado é um mecanismo de relação de poder porque revela a protecção do mais forte ao mais fraco, do dominante sobre o dominado.

Dessa forma, mesmo que todo o processo de separação e construção de identidade para homens e mulheres militares, e reaproprie-se da “tradicional” dicotomização da divisão dos papéis sexuais, Takahashi compreende, ao contrário de Carvalho, que as relações de género e poder vivenciadas pelas mulheres militares, revelam espaços que permitem a subversão do paradigma tradicional ou mesmo a igualdade entre homens e mulheres. Estes espaços são garantidos por mecanismos tradicionais como por exemplo, a hierarquia e a disciplina, ou por novas formas de relação entre homens e mulheres dentro da instituição militar.

Dessa forma, na instituição militar, os homens desempenham algumas funções das quais as mulheres são restringidas, sobretudo em função de explicações que ocorrem no campo bio-psíquico (por exemplo, observa-se a ideia de que o homem possui “força”, que tem um instinto mais “violento/corajoso”, que é o “guardião” da família – e por isso, tem o dever de proteger a mulher e os filhos; enquanto que a mulher é mais “pacífica”, “frágil”, que tem o dever de cuidar da casa campo privado). Sugere-se que o espaço público, sobretudo neste caso, o militar simbolicamente o espaço da guerra (monopólio da violência legítima), defesa, coragem seja categorizado como “masculino”. Seguindo esta lógica temos que nos atentar que essas explicações de cunho psíquicos, indicam uma implicação de cunho sociológico, nos apontando para a opção social da dominação masculina (Da Silva 2016).

5.3. Concepções sociais sobre as mulheres militares

Na presente secção apresentamos as concepções sociais sobre as mulheres militares a partir delas mesmas. Onde constatámos que as mulheres apesar de exercerem o seu papel como militar, o fazem com muitas dificuldades mas ao mesmo tempo trabalham com o objectivo de sentirem-se úteis no meio onde estão inseridas face às exigências, necessidades, desejos, opiniões, percepções no seu meio social. No entanto a representação tradicional de papéis de género/sociais existentes na instituição encontra-se presente no seio familiar. Como mostram as conversas abaixo:

A formação básica aconteceu num distrito perto da Cidade de Nampula. Depois passei para academia militar e a rotina lá era acordar as 05 horas, primeiro tínhamos que estar na formatura, fazer limpezas e depois ir as aulas onde aprendemos disciplinas militares, por acaso no meu curso não teve desistência apesar de que algumas das minhas colegas já estavam a desanimar. Uma minha amiga já estava noiva e logo que a família dele soube que ela entrou para o serviço militar disse para desistir dela porque mulher militar não é digna para um lar. Diogo, 35 anos de idade.

Quando decidi ingressar às forças Armadas uma parte da minha família apoiou me e respeitaram a minha decisão, mas a outra parte não porque segundo eles o ambiente não era para mulheres, mesmo depois da formação fui afecte em Maputo, voltei a cidade natal de férias meu namorado evitou me e dividiu separar, voltei a Maputo conheci meu actual marido que é meu colega e casamos. Alguns civis vê a mulher como sendo mulheres que prestam desejos sexuais dos homens da instituição e não é bem assim”. O mesmo pensamento é partilhado por Augusto, 50 anos de idade “A sociedade pensa que as mulheres que trabalham conosco são objectos sexuais nossos, mas isso acontece quando âmbos querem, mas no caso de assédio a que recorrer as entidades máximas da instituição.

Enquanto eu estava na formação e sonhava em construir um lar com ela, ela me coloca um par de chifre, ela namorava a sério aqui fora e as pessoas contaram, ela não me esperou, por isso logo que conheci alguém que ainda na formação e me relacionei, e estamos juntos até hoje, claro doeu na quele momento mas depois conversei com ela e explicou que não podia esperar por um homem que não seria só dela por causa da forma de trabalhar dos militares e essa fama de que somos mulherengos” Alberto, 30 anos de idade.

Os trechos acima mostram também que na profissão militar encontra-se um conjunto de concepções de construção social do género, os quais legitimam a representação tradicional dos papéis militares das mulheres, o que evidencia a definição e redefinição cultural desses papéis, e inclui-se a configuração dominante dos valores sobre igualdade e diferença. E nas sociedades mais igualitárias, onde a participação social e política das mulheres se expandiu, são também sociedades mais predispostas a aceitar o desempenho de funções militares pelas mulheres, a exemplo do grupo que participou da pesquisa.

Tendo em conta que o processo de construção social do género traz um conjunto de concepções sobre os papéis adequados a homens e mulheres em cada sociedade. Conforme nota Segal (1995: 758), “a saliência concedida a determinados argumentos sobre os papéis militares das mulheres que não se baseia numa realidade objectiva, mas sobretudo em valores culturais

Quando decidi ingressar às forças Armadas uma parte da minha família apoiou me e respeitaram a minha decisão, mas a outra parte não porque segundo eles o ambiente não era para mulheres e não teria tempo para o lar que já estava para formar mesmo depois da formação fui afecte em Maputo, voltei a cidade natal de férias meu namorado evitou me e decidiu separar, voltei a Maputo conheci meu actual marido que é meu colega e casamos. Alguns civís vê a mulher como sendo mulheres que prestam desejos sexuais dos homens da instituição e não é bem assim.

Meu marido as vezes reclama quando ligam do serviço e tenho que sair de repente de caso para uma missão, porque por vezes viajo nem , ele pergunta quem vai cuidar das crianças? Mas depois intende porque vou trabalhar. Zaida, 34 anos de idade.

Os exemplos acima permitem perceber que há uma dificuldade de alguns familiares a aceitarem que uma mulher da sua família aliste-se ao serviço militar, e a ampliação de tais dificuldades deve-se ao facto de, como salienta M. Segal (1986), tanto as Forças Armadas como a família poderem ser consideradas instituições 'vorazes', porque dependem fortemente do empenhamento dos seus membros e lhes impõem um elevado nível de exigências em termos de lealdade, tempo e energia, por contraposição a outras instituições que tendem a limitar essas pressões normativas, possibilitando aos indivíduos a conciliação de diferentes tipos de actividade e pertenças. Sendo certo que globalmente a família impõe exigências a todos os membros - embora com intensidades diferentes ao longo do seu próprio ciclo de crescimento, no caso das mulheres, espera-se que invistam mais tempo e energia emocional do que a solicitada aos homens.

Onde foi possível perceber que os homens desempenham algumas funções das quais as mulheres são restringidas, sobretudo em função de explicações que ocorrem no campo bi-psíquico, a ideia de que o homem possui “força”. Por isso, nas Forças Armadas, a feminilidade e masculinidade são nas relações do quotidiano.

Essa questão é reforçada pela dominação masculina, que alicerça diversos aspectos sociais, como a divisão social do trabalho, na qual são determinadas as actividades atribuídas a cada um dos sexos, seu local, seus instrumentos, ou seja, aquilo que é reservado aos homens (o público), enquanto a casa é reservada às mulheres (Bourdieu, 2002). A divisão entre masculino e feminino está além da diferenciação sexual, mas também num amplo sistema de oposições como razão, emoção, alto, baixo, público, privado, força, fraqueza, que não só classifica, mas também gera interpretações hierarquizadas, que determinam a posição dos indivíduos dentro da sociedade.

6.Considerações finais

O presente trabalho analisou as Representações sociais em profissões masculinizadas: um caso a partir das mulheres militares, Da literatura analisada identifiquei duas abordagens: A primeira defende que a entrada da mulher na área militar foi observada em diversos países, e a partir desse momento as mulheres passam a receber a formação militar, e a questão do género nas Forças Armadas é vivenciada de uma forma harmonioza.

A segunda mostra que há um apropriação da questão da visão tradicional do ser mulher pela instituição, conseqüentemente há uma marginalização da mulher dentro da instituição militar.

Com base no material recolhido foi possível compreender que o género como um tipo de diferenciação categórica assume conteúdos específicos na sociedade, pois é a base para as pessoas nas relações sociais. E a instituição militar por sua vez veio a intensificar a visão tradicional da mulher que está reservada ao espaço privado. Tal como é evidente nas conversas com os participantes da pesquisa.

Onde foi possível perceber que os homens desempenham algumas funções das quais as mulheres são restringidas, sobretudo em função de explicações que ocorrem no campo bio-psíquico, a ideia de que o homem possui “força”.Por isso, nas Forças Armadas, a feminilidade e masculinidade são nas relações do quotidiano.

Essa questão é reforçada pela dominação masculina, quealicerça diversos aspectos sociais, como a divisão social do trabalho, na qual são determinadas as actividades atribuídas a cada um dos sexos, seu local, seus instrumentos, ou seja, aquilo que é reservado aos homens (o público), enquanto a casa é reservada às mulheres (Bourdieu2002). A divisão entre masculino e feminino está além da diferenciação sexual, mas também num amplo sistema de oposições como razão, emoção, alto, baixo, público, privado, força, fraqueza, que não só classifica, mas também gera interpretações hierarquizadas, que determinam a posição dos indivíduos dentro da sociedade. Mesmo com essa visão por elas vivenciada dentro da instituição, as mesmas buscam na profissão a identidade militar e a firmar se mostrando suas capacidades como profissionais, oque faz com que ocupem cargos superiores da instituição, exemplo de algumas participantes da pesquisa.

Referências bibliográficas

CARREIRAS, Helena.1997.“*Família, Maternidade, e profissão militar*”. in Revista Estudos Femenistas, Rio de Janeiro:IFCH/UFRJ, Vol 5, Pp69-81.

RODRIGUES, Luciana. 2009.“Participação das mulheres nas forças armadas Brasileira: Um debate contemporâneo. PPGCS/ Unesp – Marília,SP.

PACHINUAPA, etall.2017. “*Génese, Expansão e Imapcto*”: in 50 anos do destacamento feminino.

CASIMIRO, Isabel 2004. “Paz na terra, guerra em casa”: feminismo e organizações de mulheres em Moçambique. Maputo; Promédia.

MATOS, A. A. 2002. “Feminilidades e Gênero: re-lendo Cláudia e Nova”. Revista de Ciências Humanas, Taubaté.

DA SILVA, Cristina.2009. *Masculinidades e Feminilidades nas Forças Armadas*: in uma etnografia do ser militar, sendo mulher.UFSCAR,SP,Brasil, Pp1-16.

DOS SANTOS, Luciana. 2009.*A participação das mulheres nas forcas Armadas Brasileira*: in um debate contemporâneo.(PPGCS/ Unesp – Marília,SP, Brasil).

BOURDIEU, Pierre. 1995. A dominação masculina, Educação e Realidade.

JÚNIOR,Pedro.2003.*Por uma abordagem etnográfica*: in pesquisa em organizações.Civitas-Revista de Ciências Sociais, Pp 435-456.

MARCONI, etall. 2003. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo, Editora Atlas. 5 ed.

CASTRO, Celso. 1990. *O espírito militar*: Um estudo de Antropologia social na academia militar das Agulhas Negras, Jorge Zahar editora, Rio de Janeiro.

SANTANA, Cristiane.2016. O olhar da frelimo sobre a emancipação feminina.África, Revista de pós graduação em Estudus Africanos e Representações da África.

HÉRITIER, Françoise.1989. “Masculino/Feminino”, in Enciclopédia Einaudi, Vol. 20, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 11-26.

SCOTT, Joan.1990. *Género:uma categoria útil para os estudos históricos?* Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16,nº 2, p.5-22.

Moskos, C. C.; Williams, J. A. e Segal, D. R. (orgs.),2000. *The PostModern Military*. New York: Oxford University Press.

MOSCOVICI, S. 1989. *Des Représentationscollectives aux ReprntationsSociales*. In: JODELET, D. (Ed.). *Les representationsSociales*. Paris: PUF.

CRESWEEL, John W. 2014. *A Investigação qualitativa e projecto de pesquisa: escolhendo entre abordagens*. Tradução: Sandra Mallmann. 3.ed. Porto Alegre: Pens.

GIL, Antonio Carlos.2019. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 7. Ed. São Paulo: Atlas.

STRATHERN, Marilyn.1997.“Entre uma melanesista e uma feminista”, *Cadernos Pagu* (8/9), Campinas: UNICAMP, p.7-49.

GODOY, A. S.1995. *Pesquisa qualitativa: tipos e Fundamentos*, São Paulo.

CARREIRAS, Helena.2004. “Diversidade Social nas Forças Armadas: Género e Orientação Sexual em Perspectiva Comparada”. *Primavera*, N.º 107 - 2.ª Série, Pp. 61-88.

RUANO-BORBOLAN,J.C.1993.*Une notion clef des sciences humaines*. *Sciences humaines*.

D'ARAÚJO, Maria Celina.2003.“Pós-modernidade, sexo e gênero nas Forças Armadas”. *Security and Defense Studies Review*, vol.3, nº.1,.Disponível em: <<http://www3.ndu.edu/chds/journal/index.htm>>.

TAKAHASHI. Emília. 2002. *Homens e Mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar*. Dissertação (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas. Mimeo.

CARVALHO,Sônia.1990. *Casa-Caserna: um percurso diferenciado na vida das mulheres militares*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFRN, Natal.

OKIN, Susan Moller.2008. *Gênero, o público e o privado*. *estudos Feministas*, v. 16, n. 2, p. 305-332.

SILVEIRA,Cláudio de Carvalho.2003.“As mulheres na Marinha do Brasil”. In: *Research and Education in Defense and Security Studies. Chile*, 2003.Extraído de:

www.ndu.edu/chds/redes2003/Academic-Papers/6.Military-Sociology/2.WomenArmed-ForcesII/2.%20Silveira-final.doc.

WINSLOW, D. e Dunn, J.2002.“Women in the Canadian Forces: Between Legal and Social Integration”.EnCurrentSociology, vol. 50, nº. 5, pp. 641-67.

CARREIRAS, Helena.2011. Papel das políticas de integração de género:in igualdade de oportunidades nas Forças Armadas. Instituto da Defesa Nacional - Portugal.

ARAÚJO, Tatiana Dos Santos. 2017. Mulheres em fardas policiais militares no Rio de Janeiro. Rev. bras. segur. Pública, São Paulo v. 11, n. 1, 74-75.

Comitê central da frelimo.1980. A mulher é um elemento transformador da sociedade. Coleção de Estudos e Orientações.

Moçambique. Lei do Serviço Militar 2497 de Dezembro

MADY,Segal. 1986. The Military and the Family as Greedy Institutions.In MOSKOS.C., WOOD,,p.91.

SANTANA,Cristiane.2014.Representações sobre as mulheres emancipadas no pós - independência,Veredas da História, [online]. Ano VII, Edição 1, p. 20-40.